

# **ELEMENTOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM JOSÉ DE CALASANZ**

**Jeferson Almeida de Souza, Sch. P.**

## **EPÍGRAFE**

“Concílios Ecumênicos,  
Santos Padres,  
filósofos de reto critério  
afirmam unânimes,  
que a reforma da sociedade cristã  
radica-se na diligente prática desta missão.  
Pois, se desde a infância,  
a criança for imbuída diligentemente  
na Piedade e nas Letras,  
pode se prever, com fundamento,  
um feliz transcurso de toda sua vida”.

**José de Calasanz**

## **INTRODUÇÃO**

O fundador da primeira escola popular e gratuita da Europa<sup>1</sup> tem suscitado ao longo da história, inúmeras obras sobre sua pessoa e sobre as Escolas Pias, tanto no âmbito restrito da Ordem, como no exterior a ela. Por estar concluindo uma Licenciatura em Filosofia e por acreditar na transcendência de suas intuições pedagógicas, sentimo-nos motivados também nós a escrever este modesto trabalho de conclusão de curso, tendo por objeto suas intuições pedagógicas.

---

<sup>1</sup> Cf. L. Von Pastor. Storia dei Papi, Roma, 1942, vol.XI, p.438-440

Nosso propósito é apresentar, de relance, alguns aspectos de sua personalidade e de sua obra, as Escolas Pias, e explicitar alguns elementos da Filosofia da Educação subjacente em seu pensamento pedagógico.

Sem maiores pretensões que uma explanação concisa dos elementos anunciados, nos valem para esta empreitada, da ajuda de: Severino Giner "*San José de Calasanz: Maestro y Fundador*"; György Sántha "*San José de Calasanz: Obra Pedagógica*"; Octavio Fullat. *Filosofia de la Educación en San José de Calasanz*. Revista Calasancia; Antônio Joaquim Severino "*Educação, sujeito e história*", "*Filosofia da Educação*"; Enciclopédia de filosofia *Logos*; dicionário de filosofia Nicola Abbagnano, dentre outros.

O texto foi estruturado em dois capítulos. No primeiro vamos nos deter no contexto sociocultural de Calasanz. Apresentaremos elementos de sua história, conheceremos a Roma dos contrastes -monumentalidade barroca e pobreza-, onde ele passa a viver a partir de 1592 e vai desenvolver sua obra. E esboçaremos um dos traços mais marcantes de sua personalidade -abertura de espírito e amplitude de visão-, manifestada na criação de uma obra pioneira na história, e exemplificada na relação de amizade que manteve com o cientista Galileu Galilei e com o filósofo Tomás Campanella. Homens tidos pelo Santo Ofício como não conformes à ortodoxia católica.

No segundo capítulo, faremos uma breve exposição sobre o que é a Filosofia da Educação, sua relação com a pedagogia e salientar os elementos antropológicos no pensamento de Calasanz: qual é a imagem de homem com a qual ele trabalha e qual é o sujeito que se propõe a educar; nos elementos epistemológicos analisaremos a questão do conhecimento: como ele é concebido, sistematizado e transmitido em seu sistema de ensino; e por fim trataremos da questão axiológica: quais são os valores que sustentam a educação em Calasanz e quais os fins que a norteiam.

## CAPÍTULO I

### Contexto sociocultural de Calasanz

“... nosso século me parecia  
tão florescente e tão fértil de  
bons espíritos quanto  
nenhum dos  
precedentes...”.  
Descartes, ‘Discurso do método’.

#### 1.1. O Nascimento da Modernidade: Calasanz, um homem do seu tempo

José de Calasanz nasceu no ano de 1557 e faleceu em 1648, quase um século de existência, tempo suficiente para experienciar todo o esplendor do Renascimento; fenômeno que vivia a Europa, compreendido como um período de mudanças profundas na vida do homem, em todos seus aspectos: filosóficos, sociais, políticos, morais, literários, artísticos e religiosos. E tempo também de testemunhar a “revolução do pensamento” que originou a Idade Moderna.

Com o propósito de situar José de Calasanz em seu tempo e em seu espaço -para assim tentar compreender melhor sua figura e sua obra-, apresentaremos neste capítulo algumas noções básicas do Renascimento e suas implicações na obra de Calasanz.

Calasanz nasce em meados do século XVI; nesse momento a Europa vivia um período histórico marcado por grandes transformações que desencadearam o surgimento de uma nova cosmovisão para a cultura ocidental. Etapa que recebeu o nome de Renascimento. Este foi um movimento cultural que trazia em seu bojo o espírito de ‘reforma’ (*renovatio*) da sociedade. Uma das faces desse movimento foi o Humanismo no qual “verificou-se uma tendência a atribuir aos estudos relativos às *litterae humanae* um grande valor, considerando a Antiguidade Clássica, latina e grega, como um paradigma e um ponto de referência para as atividades espirituais e culturais em geral”<sup>2</sup>.

Cronologicamente, considera-se que o Renascimento tem uma de suas primeiras manifestações em meados do século XIV com Cola de Rienzo, que já anunciava a

necessidade de renovação na vida moral, espiritual e política e na figura de Francisco Petrarca, que ostenta na história o título de primeiro humanista. Ele propôs, em oposição ao naturalismo, uma volta do homem para ele mesmo objetivando o conhecimento de sua própria alma. “Eu, com efeito, me pergunto para que serve conhecer a natureza das feras, dos pássaros, dos peixes e das serpentes, mas ignorar ou não procurar conhecer a natureza do homem”<sup>3</sup>.

Essas palavras de Petrarca que, grosso modo, abrem as portas da história para o Renascimento, dão uma primeira idéia da agenda assumida pelos humanistas nos séculos XV e XVI. O Renascimento tem o seu epílogo nas primeiras décadas do século XVII, tendo Campanella como sua última grande figura.

## **1.2. Calasanz dentro do contexto renascentista**

Calasanz foi formado num tempo em que a Escolástica ainda imperava nas Universidades. Entretanto, seria impossível pensar que alguém que vivesse em tal época não respirasse o ar das idéias renascentistas que exalavam-se por toda a Europa, principalmente em Roma, considerada a matriz da renascença. É naquela cidade onde passa a viver Calasanz a partir de 1592.

Depois de receber uma sólida formação, dentro dos critérios da Reforma Tridentina, e de ter desempenhado importantes funções pastorais em sua terra, aquele sacerdote aragones chega a Roma em busca de uma promoção eclesiástica. Sua primeira estadia foi no palácio do cardeal Marco Antônio Colonna; a partir daí, em pouco tempo, foi familiarizando-se com a vida da grande Urbe.

Calasanz depara-se com uma Roma invadida pelo espírito do Concílio de Trento, empenhada em fazer a reforma social e moral que tanto urgia. Cidade que tentava emergir da catástrofe provocada por sucessivos desastres como foram o Saque de 1527, as violentas epidemias de Peste e as freqüentes inundações do rio Tiber. Todos esses

---

<sup>2</sup> REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1990. p. 17.

<sup>3</sup> Citado em *ibidem*, p. 45.

acontecimentos levaram a Cidade Eterna a uma profunda crise econômica, social e moral.

No tocante à educação, Roma no final do século XVI, vivia tão fascinada pelo alto estudo humanista, “em que homens doutos disputavam em latim e grego”, que não dava conta de perceber o número de ignorantes que ela comportava. “...Solamente una selección muy reducida de jóvenes de familias acomodada -provistos por sus padres de maestros y preceptores privados-, pudo dedicarse a los deseados estudios clásicos, mientras la gran masa no llegaba ni siquiera al conocimiento de la gramática”<sup>4</sup>.

Portanto, o esplendor do Renascimento não chega a todos; é privilégio de uma classe restrita; a grande massa permanece na absoluta ignorância. Para o Ensino Secundário existia o Colégio Romano dos padres Jesuítas, e no que diz respeito à catequese, existiam confrarias responsáveis por aplicá-la, como havia prescrito o Concílio de Trento. Entretanto, não havia quem assumisse o ensino das primeiras letras. As crianças pobres permaneciam sem oportunidades para se libertarem da escravidão do analfabetismo.

A situação deplorável em que viviam muitas crianças leva a Calasanz a descobrir a importância extraordinária da educação como meio para a melhoria moral, de promoção social e de reforma dos costumes. É lá que sente despertar em si uma vocação pedagógica que, perfeitamente integrada na sua vocação religiosa, manter-se-á sem desfalecimento ao longo de toda sua existência<sup>5</sup>.

Calasanz percebe que para formar um bom “cidadão da república Cristã” é preciso dialeticamente conjugar doutrina cristã e saber científico: Piedade e Letras.

### 1.3. A intuição de Calasanz

---

<sup>4</sup> SÁNTHA, György. *San José de Calasanz: Obra Pedagógica*. 2ª ed. Madrid: BAC, 1984. p.35.

<sup>5</sup> MIRA, Josep Doménech i. “José Calasanz”. *Perpectivas* (Paris – Unesco), v. XXIII / n.3-4 (1993) 808 – 821, p.812.

O mérito de Calasanz não foi o de desvelar algo que se encontrava oculto, como fizeram Descartes ao descobrir o *cogito* como primeiro princípio de certeza e fundamento para a ciência; ou como Copérnico que revolucionou a astronomia tirando a terra do centro do universo e colocando nele o sol; nem fez como Galileu que viu na matemática o código para se decifrar a linguagem da natureza. A grande descoberta de Calasanz foi a criança. A criança como sujeito dotado de direitos, a criança como potencial de um homem bem formado e realizado, numa linguagem ética, o potencial de um homem virtuoso. Consequentemente percebe a criança, também, como futuro agente transformador da sociedade.

A grande intuição de Calasanz não veio das elucubrações sobre a natureza do pensamento, nem da observação do espaço sideral, tampouco dos questionamentos sobre o alcance da matemática; sua intuição nasce da própria experiência humana, da observação da realidade circundante e do questionar seus fundamentos.

Dessa forma, Calasanz -dando um passo além do seu tempo-, e com a clarividência de que a educação é o melhor caminho para recuperar a dignidade da pessoa humana, suprimindo o abismo que divide ricos e pobres, cria a primeira Escola Pública e gratuita, da era moderna. Nasceram assim, em 1597 no Trastevere, bairro periférico de Roma, as chamadas Escolas Pias, obra que têm por princípio a educação integral da pessoa, a partir da formação humana e cristã.

Com o propósito de buscar a estabilidade da sua obra, Calasanz funda a primeira Ordem Religiosa da Igreja dedicada exclusivamente à educação: a Ordem das Escolas Pias.

José de Calasanz foi um homem de horizontes amplos. Fundou uma obra pioneira na história e buscou o que de melhor existia em seu tempo -em quanto a métodos e material humano-, para incrementá-la. Na esfera de suas amizades, tratou com grandes homens como o cientista Galileu Galilei e o filósofo Tomás Campanella; apesar de estarem envolvidos em processos na Inquisição, solicitou suas colaborações para as Escolas Pias, fato que expressa a abertura de espírito e a visão progressista de Calasanz.

#### 1.4. Calasanz e Galileu

Calasanz e Galileu Galilei (1564-1642) foram contemporâneos, se conheciam, relacionavam-se entre si, e em suas vidas apresentam nuances que os unem.

Nas suas vidas há muitos paralelismos. O primeiro deles é que ambos defenderam o estudo da matemática e das ciências, o que é normal num cientista, mas nem tanto num pedagogo daquele tempo. Quando analisamos a obra pedagógica de Calasanz surpreende-nos o seu interesse constante pelo estudo da matemática. Numa época em que os estudos humanísticos estavam no auge, sem ignorar essas tendências gerais, ele intui a importância futura da matemática e das ciências; daí a constante recomendação para que se cultivassem nas suas escolas e para que se destacasse seu estudo na formação dos seus professores.<sup>6</sup>

O fundador das Escolas Pias não via contradição entre fé e ciência, ele estava tão convencido da importância das novas ciências para os tempos vindouros, que permitiu que em Florêncja se formassem os “galileanos”. Este foi um grupo de Escolápios, discípulos de Galileu, que compartilharam e defenderam os seus princípios cosmológicos os quais, naquela época, eram considerados controversos e revolucionários. Lembremos que o modelo cosmológico de Galileu -obedecendo às leis de Copérnico e Kepler-, entrava em contradição com o modelo ptolomaico que havia imperado em toda a Idade Média. Essa nova visão custou a Galileu um processo pela Inquisição que, além de puni-lo, o obrigou a retratar-se<sup>7</sup>.

Mesmo Galileu tendo sido condenado pela Inquisição, Calasanz e os Escolápios galileanos, numa atitude corajosa, mantiveram-se com ele. Este ato foi usado pelos inimigos de Calasanz para tentar prejudicar a ele e às Escolas Pias. O galileano Pe. Francisco foi denunciado à Inquisição nos seguintes termos:

O Pe. Francisco Michelini das Escolas Pias considera doutrina muito verdadeira e ensina publicamente que as coisas estão

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 815.

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, p. 815

compostas de átomos e não de forma, como dizem Aristóteles e todos os demais. Defende também que a terra se move e que o sol está parado, considerando como certa esta doutrina e outras do senhor Galileu, a ponto de ter as outras como falsas e nulas e declarar-se inimigo de Aristóteles, chamando-o de ignorantíssimo, enquanto considera o senhor Galileu como oráculo, como oráculos as suas opiniões, e exalta o senhor Galileu como primeiro sábio do mundo com outros títulos magníficos e de elogio<sup>8</sup>.

Quando o grande cientista já se encontrava de idade avançada e cego, o Escolápio Pe. Clemente Settimi colocou-se a sua disposição como secretário. Numa carta com data de 16 de abril de 1639, dirigida ao reitor do colégio escolápio de Florêça, Calasanz diz: “E se, por ventura, o senhor Galileu pedir que o Pe. Clemente fique alguma noite com ele, permita-lhe que o faça e queira Deus que ele saiba tirar o proveito que deveria”<sup>9</sup>.

As ciências matemáticas ganharam destaque nas Escolas Pias, principalmente em Toscana onde os “filhos de Calasanz” prosseguiram com a tradição dos galileanos.

### 1.5. Calasanz e Campanella

Outra grande personalidade do cenário romano com quem Calasanz conviveu e partilhou o ideal de uma sociedade renovada, foi o filósofo dominicano Tomás Campanella (1568 -1639).

Campanella foi uma figura excêntrica. Um pensador que buscou convergir metafísica, teologia e magia. Devido a suas posturas, consideradas heterodoxas, foi processado pela Inquisição e acusado pelo Estado de tramar conspiração; passou vinte e seis anos nas prisões de Nápoles. Amigo e correspondente de Galileu, escreveu um opúsculo intitulado *Apologia Pro Galileu*, no qual defende o cientista dizendo que sua doutrina é verdadeira porque nasce do sentido da observação do livro da natureza, e não

---

<sup>8</sup> Citado em BAU, Calasanz. *San José de Calasanz*. Salamanca: Publicaciones de Revista Calasancia, 1967. p.298.

<sup>9</sup> PICANYOL, Leodegario. *Epistolario di San Gioseppe Calasanzio*. Roma: Editiones Calasancianae, v. VI. P. 65, carta 3074.



da imaginação ou de conjecturas pessoais que, segundo ele, foi como procedeu Aristóteles.

O pensador que, nas suas utopias propunha para a sociedade reformas onde a educação das classes carentes jogava um papel muito importante, tinha uma clara afinidade com o pedagogo que, com sua obra inovadora, estava tornando realidade, de alguma forma, essa utopia. O teórico e o pragmático, o pensador e o realizador coincidiam nos mesmos objetivos educacionais

<sup>10</sup>

Além da amizade com Calasanz, Campanella colaborou com as Escolas Pias aplicando um curso de filosofia aos jovens escolápios. E como havia defendido a Galileu, procedeu da mesma maneira com o fundador das Escolas Pias. Escreveu uma obra que tinha por nome “Liber Apologeticus Contra Impugnantes Institutum Scholarum Piarum” no qual defendia a obra de Calasanz frente a seus opositores.

Neste livro, Campanella explica o caráter inovador e avançado das Escolas Pias e refuta de forma sistemática todas as objeções daqueles que atacavam a Calasanz por ensinar ‘Piedade e Letras’ aos pobres.

O relacionamento de Calasanz com Campanella -última grande figura renascentista-, e com Galileu -pai da ciência moderna-, nos dá uma idéia da personalidade daquele grande visionário que no campo da pedagogia foi capaz de ultrapassar as fronteiras da teoria e deixou plasmada na história da educação sua grande obra: as Escolas Pias.

## CAPÍTULO II

### ELEMENTOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM JOSÉ DE CALASANZ

“La obra que con feliz atrevimiento realizó San José de Calasanz ofreciendo el primer ejemplo de enseñanza cristiana

---

<sup>10</sup> Josep Domenech i Mira, *op.cit.*, p. 816.

popular y universal es realmente digna de suavísima recordación y obra mucho más grande que todo lo que con alabanza puede encarecerse”<sup>11</sup>.

No capítulo precedente procuramos apresentar de relance alguns traços da figura e da obra de Calasanz. Neste, nos propomos realizar uma análise elementar acerca da filosofia da educação subjacente em sua obra.

### **2.1. O que é Filosofia da Educação?**

A pergunta precedente a esta que levantamos é o que é filosofia e o que é educação. Entretanto, pela natureza do nosso trabalho não nos deteremos nestes temas, dando-os por pressupostos. Limitaremos-nos a apresentar o conceito de Filosofia da Educação para, em seguida, poder analisá-lo no pensamento pedagógico de Calasanz.

A gênese da reflexão sobre a educação se encontra no mundo grego. Eles concebiam a educação, não como a mera transmissão de uma *techne*, mas como uma formação global do homem, como *Paidéia*<sup>12</sup>. Com isso, a reflexão filosófica se aproximou da reflexão sobre a educação e se mantiveram mais unidas.

Ao se pensar em educação e formação do homem, subjaz a estas práticas uma série de pressupostos: por um lado, uma imagem do sujeito a ser educado, uma concepção de homem, uma antropologia; por outro lado, um conteúdo valorativo e, finalmente, a questão do conhecimento, como ele se dá e se transmite. Portanto, como se percebe, estas são temáticas que se encontram dentro da jurisdição da Filosofia.

---

<sup>11</sup> Carta do Papa Pio XII ao padre geral das Escolas Pias, 12/07/1948: Acta Apostolicae Sedis 40 (1948) p. 369.

<sup>12</sup> Cf. SANTOS, Laura. *Filosofia da Educação*. In. LOGOS, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. V.2. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1990. 1512p. p.24.

Por isso afirma Santos: “É precisamente pela implicação mútua de filosofia e educação que é possível encontrarmos nos grandes filósofos como, por exemplo, Platão, Rousseau, Nietzsche e Dewey perspectivas sobre as questões educacionais”<sup>13</sup>. Mas, ainda segundo a autora, uma reflexão que poderia ser designada hoje por Filosofia da Educação somente é encontrada por primeira vez em Dewey.

O estatuto que a maior parte da literatura consagrada à Filosofia da Educação lhe atribui é sem dúvida pouco aliciente, pois há muitas afirmações dissonantes sobre a mesma. Uns a concebem como ‘filosofia aplicada’; outros, como uma reflexão sobre os valores e fins dos sistemas educativos.

Há quem pretenda que ela apresente e coordene os resultados das diversas ciências da educação, transformando o filósofo da educação num ‘especialista de generalidades’; outros, ainda, reduzem-na a uma filosofia analítica da educação que visa definir com rigor certos conceitos e investigar os discursos sobre a educação. Um dos defensores desta vertente, T.W. Moore, afirma que o filósofo não deve elaborar teorias gerais, mais analisá-las e criticá-las. Numa outra linha, a Filosofia da Educação é encarada como uma ‘metafísica da educação’, sendo seu objeto de estudo a ‘estrutura entitativa do ser educacional’ e as diversas causas da educação<sup>14</sup>.

Há, por fim, uma outra concepção defendida por Joaquim Severino que vê a Filosofia da Educação como uma reflexão antropológica, epistemológica e axiológica. Do nosso ponto de vista esta é a definição mais sistemática e que possui um estatuto genuinamente filosófico. É nela que nos fundamentaremos metodologicamente para desenvolver os três momentos reflexivos no pensamento pedagógico de Calasanz.

## **2.2. Elementos antropológicos na obra de Calasanz**

Na Filosofia da Educação a reflexão antropológica se pergunta pelo sujeito da educação, pela imagem de homem que se propõe a educar. No pensamento de Calasanz como essa imagem é delineada?

---

<sup>13</sup> *Ibidem* p. 24.

Calasanz é um religioso tridentino, situa-se no limite do mundo medieval e do mundo moderno e, ainda que seu espírito de vanguarda ultrapasse as fronteiras do seu tempo, sua obra deve ser compreendida dentro dos marcos da cristandade. Em sua vida a ação precedeu sempre à teoria, ele não foi um teórico da educação; além das Constituições das Escolas Pias, alguns memoriais e um vasto epistolário, não deixou nenhuma obra escrita e sistematizada. Não encontramos em seus escritos temas propriamente antropológicos ou uma definição explícita do que seja o homem. Entretanto, pela sua formação Escolástica e orientação Tomista, inferimos que a imagem de homem com a qual ele trabalha, se assemelha àquela presente na antropologia de Santo Tomás: o homem é composto, essencialmente, de alma e corpo; a alma não subjaz ao corpo, mas o contrário, aquela possui o ser diretamente, ou seja, tem o seu próprio ato de ser e dele faz participar o corpo. Há, portanto, uma unidade profunda, substancial entre alma e corpo justamente porque é único o seu ato de ser. Mas, ao mesmo tempo, tendo a alma uma relação prioritária no ato de ser, a morte do corpo não pode implicar na sua morte. A alma é, portanto, de direito imortal<sup>15</sup>.

O seu ideal de ensino visa atingir a esse homem em sua totalidade -alma e corpo-, Piedade e Letras, o lema da pedagogia calasância explicita bem esse fundo antropológico tomista.

Al lado de la enseñanza científico-literária, debe enseñar la 'piedad', y esta enseñanza total, íntegra, obtiene un doble resultado: uno temporal y otro eterno. '*Si enim diligenter a teneris annis Pueri pietate et litteris imbuantur, felix totius vitae cursus proculdubio sperandus est*'. Calasanz le designa a la educación cristiana un doble fin, uno terrenal y otro eterno; lo de aquí abajo también cuenta; no se trata sólo de salvar el alma para la vida eterna, sino de organizar felizmente la vida terrestre<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. *ibidem* p.26

<sup>15</sup> Cf. "De anima", coment. In De anima, summa contra gentes, v. II, cc.50-100; Summa Theologiae, v.I qq. 75-95.

O homem para Calasanz é o homem cristão. Fullat nos diz que o cristianismo -e com ele o homem cristão-, é uma realidade dialética e tensional:

En el aspecto de civilización, el Cristianismo ha surgido del mundo griego y del judaico, 'Nous' y 'Pathos'. El griego mira la realidad como armoniosa, acabada; el judío la considera apasionada, volcada al futuro. El griego es antropocéntrico; el judío, teocéntrico; el Cristianismo, teoándrico, con lo que se posibilita la Historia, que es drama, antinomia, lucha. Dios y el hombre se reúnen en la persona de Cristo<sup>17</sup>.

O cristão é paradoxo como homem e como cristão. É unidade de espírito e corpo; ele é epifania do espírito no mundo. O homem cristão é um ser chamado a se concluir, a se aperfeiçoar, superando seus próprios limites, unindo-se às coisas, aos outros e a Deus<sup>18</sup>.

Mais que o termo homem, no pensamento de Calasanz, se pode falar com maior propriedade do termo *pessoa*, em seu sentido originariamente cristão: ser humano racional e livre, definido por sua dimensão de sujeito moral e espiritual. A filosofia de fundo da sua pedagogia está na direção do *Personalismo*. Ela é profundamente antropocêntrica ao mesmo tempo que cristocêntrica<sup>19</sup>.

Calasanz concebe a criança como um ser filho de Deus, que desde cedo é capaz de desenvolver sua personalidade humana e sua vida sobrenatural, se com tanto mais afeto, quanto menor for sua idade, lhe for oferecida uma instrução e uma educação integral na  *piedade e nas letras*. O aluno é o Cristo a quem o educador serve<sup>20</sup>.

Em 1597 nasce em Roma a primeira escola pública e gratuita, as Escolas Pias, como vimos no primeiro capítulo, ela surge da sensibilidade de José de Calasanz para

<sup>16</sup> FULLAT, Octavio. *Filosofia de la Educación en San José de Calasanz*. Revista Calasancia, Madrid, año 5.n.19,p.275-307, sep.1957.p.287-288.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.277.

<sup>18</sup> Cf. *ibidem*, p.280.

<sup>19</sup> *Espiritualidade e Pedagogia de São José de Calasanz -ensaio de síntese-* Publicações ICCE. Madrid: 1995.p. 63.

<sup>20</sup> Cf. *ibidem*, p.40.

com as crianças pobres. Ele percebeu que àquelas crianças da periferia de Roma lhes estava sendo negado o direito de serem pessoas.

Num primeiro momento as Escolas Pias atenderam exclusivamente às crianças pobres, pois era a elas que se lhes negou o direito de serem sujeitos. Mais tarde, acolheu igualmente crianças pobres e ricas, por entender que todos têm igual necessidade de piedade e letras.

O aluno das Escolas Pias não era um mero depositário de conteúdos. Calasanz admite, em determinados casos, a participação decisória dos mesmos em aspectos educativos, didáticos e disciplinares, através dos ‘Decuriões, imperadores e academias’. Os alunos decuriões contribuíam em alto grau ao trabalho dos educadores, particularmente no disciplinar, mas às vezes também no didático. Escolhidos com a aprovação dos companheiros e de seus mestres, ajudavam o Prefeito (disciplinário) na disciplina: controle das ausências e vigilância em atos comuns; ajudavam os mestres controlando o cumprimento dos deveres cotidianos de seus colegas e tomando-lhes as lições do dia anterior. Havia dois tipos de alunos *imperator*: o primeiro reinava uma semana e o segundo, um curso inteiro. Podia pedir para seus companheiros em determinado número de casos a anistia de alguns pequenos castigos. Com suas sessões mensais, as academias exercitavam, a composição literária, em prosa e verso, e promoviam a participação ativa na cultura humanista<sup>21</sup>.

O espírito de vanguarda, a mente ampla e o coração aberto de Calasanz o levaram não somente a tratar com personalidades como Galileu, Campanella, Scioppio, tidas como suspeitas pelo santo Ofício, mas também a admitir em Roma -em tempos de Reforma-, alunos judeus, comprometendo-se a respeitar sua fé sem fazer proselitismo; e na Alemanha luterana admitiu meninos protestantes, sem fazer a mínima pressão para convertê-los<sup>22</sup>.

No pensamento pedagógico de Calasanz a imagem antropológica mais bem definida é a de *pessoa*. Pessoa como ser em sua integridade -alma e corpo-. Ser que

---

<sup>21</sup> Cf. *ibidem*, p.42

deve ser respeitado não pela sua classe social ou posição financeira, mas porque possui a maior das dignidades: a dignidade humana.

### 2.3. Elementos epistemológicos na obra de Calasanz

‘Epistemologia’ não é um conceito filosófico unívoco. Etimologicamente significa o estudo da *episteme* que, para os gregos, era o saber verdadeiro, em oposição à *doxa*, saber opinativo e à *techné*, saber prático. Ao longo da história da filosofia ocidental, o termo tomou significados análogos, mas diferentes. Para a tradição clássica e moderna, epistemologia é sinônimo de teoria do conhecimento, área da filosofia encarregada de estudar os processos do conhecimento em geral. Na filosofia contemporânea, por influência cientificista, o termo é usado para o estudo do conhecimento científico, tendendo a se tornar uma filosofia da ciência<sup>23</sup>.

Tomamos o conceito ‘epistemologia’ em nosso trabalho com o sentido que recebeu na tradição clássica, ou seja, como teoria do conhecimento. Na filosofia da educação a epistemologia tem a tarefa de “instaurar uma discussão sobre questões que envolvam os processos de produção, sistematização e transmissão do conhecimento presente no processo específico da educação”<sup>24</sup>.

O pedagogo aragones, como havíamos dito, recebeu uma formação escolástica, bebeu nas fontes do tomismo, e é para lá que novamente nos direcionamos para compreender a questão do conhecimento em seu sistema de ensino.

O conhecimento para Calasanz não era considerado um problema como passa a ser para os modernos e contemporâneos. Kant, na *Crítica da Razão Pura*, vai submeter a razão humana a um sério exame para verificar as possibilidades e os limites do conhecimento. Para Calasanz esta não era uma questão problemática, o conhecimento era considerado algo claro e evidente.

---

<sup>22</sup> Cf. *ibidem*, p.42

<sup>23</sup> Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olhd’Água, 2001. p.120-121.

<sup>24</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.p.38.

A gnosiologia tomista, em conformidade com a aristotélica, é empírica e racional, sem inatismos e iluminações divinas. O conhecimento humano tem dois momentos - sensível e intelectual-, e o segundo pressupõe o primeiro. O conhecimento sensível do objeto realiza-se mediante a impressão, a imagem, a forma deste na alma; ”como a impressão do sinete na cera, sem a materialidade do sinete”<sup>25</sup>.

O conhecimento intelectual depende do conhecimento sensível, mas o transcende. O intelecto penetra a natureza das coisas em maior profundidade que os sentidos, sobre os quais exerce a sua atividade.

Para Santo Tomás, ainda que as coisas só podem ser conhecidas através das imagens, e não podem entrar fisicamente no nosso cérebro, nós conhecemos as coisas mesmas e não somente as idéias<sup>26</sup>.

Inferimos que assim também é para Calasanz: o conhecimento é uma realidade, um fato. Este conhecimento em sua obra pode ser denominado como *Piedade e Letras*<sup>27</sup>; é o conhecimento que se propõe formar o ser humano, a pessoa em sua integridade. Assim está explícito em suas constituições: “se desde a infância a criança for imbuída diligentemente na Piedade e nas Letras, pode se prever, com fundamento, um feliz transcurso de toda a sua vida”<sup>28</sup>.

Por piedade entende-se no pensamento calasâncio a educação moral e religiosa, cujo fim é levar o educando a desenvolver sua dimensão transcendental e se tornar sujeito ativo na reforma moral e social da sociedade.

Esta educação moral e religiosa compreende:

- ➔ O santo temor de Deus: suscitar nos alunos uma relação filial para com Deus.
- ➔ O cristocentrismo: apresentar Jesus Cristo como é a figura central da fé cristã.
- ➔ Os sacramentos: meios eficazes para a educação moral.

---

<sup>25</sup> Cf.PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luis. *História da Filosofia*. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974. p.234.

<sup>26</sup> Cf.PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luis. *op.cit.* p.235.

<sup>27</sup> O esquema que se segue explicita o que Calasanz entende por “Piedade e Letras”, e está baseado em *Espiritualidade e Pedagogia*. *op.cit.*

<sup>28</sup> Constituições de Calasanz. n.2.



- Oração contínua: oração ininterrupta feita paralelamente às horas de aula por todos os alunos, em pequenos grupos, sucedendo-se em intervalos de trinta minutos, sob a guia de um sacerdote escolápio.
- Devoção mariana: depois de Cristo, Maria foi o segundo ideal proposto aos alunos.
- Culto dos Santos e o anjo da guarda: era apresentada aos alunos a figura dos santos mais apropriados à mentalidade e circunstâncias deles.
- O exercício das virtudes: empenhava-se em conseguir o espírito de sinceridade e de verdade nas crianças.
- A prática da oração: promover um espírito de oração nos educandos.

Letras, para Calasanz, é a educação intelectual, o saber, a ciência. Ele defendeu sempre que não se pode dar uma verdadeira educação moral e religiosa, sem uma sólida educação intelectual, nem se pode induzir a vontade ao bem se antes, ou pelo menos simultaneamente, o entendimento não for iluminado pela verdade.

No âmbito da formação intelectual nas Escolas Pias o núcleo de estudos era constituído basicamente por: leitura, escrita, ábaco (matemática), latim (gramática) e doutrina cristã. Cada uma destas matérias -além de ser um elemento formativo para o entendimento-, tinha seu valor, sua função e sua finalidade social. O mérito de Calasanz radica-se na sua insistência no ensino da matemática, bastante descuidada naquela época; e no ensino do latim aos pobres, contra a oposição da sociedade a dar uma cultura literária àquelas crianças. A educação intelectual era assim estruturada:

- O ensino da leitura: o principal objetivo a conseguir era uma leitura clara, seguida, correta, de qualquer texto latino ou italiano.
- O ensino da escrita: foi muito valorizada nas Escolas Pias, tendo em vista a grande utilidade prática da caligrafia para os diversos empregos da época, acessíveis aos pobres.
- O ensino da aritmética: foi uma das matérias de destaque devido a sua capacidade de habilitar a um emprego e devido a visão de Calasanz, ele havia percebido a nova orientação científico-positiva inaugurada por Kepler e Galileu. Em alguns colégios

ensinava-se a matemática superior, seguindo a “nova ciência de Galileu” de quem foram discípulos vários escolápios estimulados pelo próprio Calasanz.

→ O ensino da doutrina cristã: era uma disciplina praticada de maneira tão regular e normal como o ensino das outras matérias.

→ O ensino do latim: tinha um valor social e outro cultural. Matéria indispensável para prosseguir nos estudos superiores e para exercer profissões como notário e copista.

→ A educação artística: além da função estética da caligrafia, da retórica e da poética, a música e o canto foram muito incentivados nas Escolas Pias.

→ A educação física: nas Escolas Pias deu-se grande importância à boa saúde física e psíquica dos alunos e cuidou-se muito a higiene pessoal dos mesmos; pelo menos duas vezes por semana, aos domingos e quintas-feiras, iam para fora da cidade para praticar esportes.

Em linhas gerais foi assim como Calasanz concebeu e sistematizou o conhecimento em seu sistema de ensino. E para que ele se efetivasse, buscou a melhor didática e os melhores métodos disponíveis em seu tempo.

Adotou o sistema de séries separadas para cada idade e para cada unidade didática, e seguiu o chamado método simultâneo: todos os alunos de uma série são instruídos ao mesmo tempo e em idêntica matéria. Isto que já acontecia nas escolas secundárias, ele o introduz na elementar.

Fomentou o método intuitivo a base de disputas semanais tidas em cada sábado, sobre os conteúdos desenvolvidos nos dias precedentes, e exercícios mensais em prosa e em verso; com os pequenos usava grandes cartazes, nos quais aprendiam a ler e captavam cenas bíblicas.

Se pode observar indícios do método mútuo na escola calasanziana: os decuriões (alunos adiantados que ajudavam ao mestre) instruíam às vezes seus companheiros e lhes tomavam as lições. Defensor da memorização, Calasanz pedia, ao mesmo tempo, que fizessem os alunos raciocinar, e lhes propunha composições literárias, nas quais deveriam argumentar a favor ou contra uma tese.

Também há provas de que Calasanz aplicou o *método misto* (conjugação do simultâneo e do mutuo) nas seções de humanidades. E foi também quem iniciou a prática do método preventivo, cuja teoria foi desenvolvida mais tarde por Dom Bosco. Nosso pedagogo afirmava que a educação deve começar antes que o educando perca a maleabilidade.

Em oposição ao barroquismo de sua época, Calasanz buscou sempre um método simples e na medida do possível, breve, adaptado ao aluno, “o melhor entre os aconselhados pelos mais doutos e especialistas na matéria”<sup>29</sup>.

Num tempo em que as diretrizes do Concílio de Trento preocupavam-se fundamentalmente com a catequização, e a nascente sociedade moderna tendia para as *litterae humanae*, Calasanz opta pela síntese. Percebe que uma tendência não exclui a outra, mas pelo contrário, são justapostas, são duas vertentes de uma única educação; uma educação que queira ser integral, que visa formar o homem em sua globalidade, tem que conjugar dialeticamente Piedade e Letras.

#### **2.4. Elementos axiológicos na obra de Calasanz**

A acepção da palavra ‘axiologia’ é relativamente recente na história da filosofia; mas o universo dos valores é tão antigo quanto a capacidade que o homem tem de pensar a respeito de suas ações<sup>30</sup>. Axiologia, ou teoria dos valores, é a disciplina que surge no século XIX preocupada com a dimensão valorativa da consciência e a expressão do agir humano relacionado com os valores.

Na filosofia da educação, a axiologia vai perguntar pelos valores que sustentam a educação e pelos fins que a norteiam<sup>31</sup>. Nosso propósito aqui é buscar estes fundamentos na obra pedagógica de José de Calasanz.

---

<sup>29</sup> Cf. *Espiritualidade e pedagogia. op.cit.* p.57.

<sup>30</sup> Cf. . RENAUD, Isabel C.R. *Axiologia*. In. LOGOS, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. V.1. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1990. 1512p.p.558.

<sup>31</sup> Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.p.38.

De início o que se desponta na obra de Calasanz é o seu valor social, sua contribuição eficaz para a autonomia das classes populares através da educação e seu compromisso com a formação integral da pessoa humana.

Nas palavras do próprio Calasanz num memorial dirigido aos cardeais do Santo Ofício, no qual ele pede ajuda para as Escolas Pias fica manifesto o caráter eminentemente social da sua obra:

Es propio del Instituto de las Escuelas Pías enseñar a los muchachos y particularmente a los pobres, muchos de los cuales por la pobreza o dejadez de sus padres no vienen a las escuelas ni aprenden oficio o ejercicio alguno, sino que van perdidos y ociosos y por tanto fácilmente se dan a diversos juegos, sobre todo a las cartas, y necesariamente cuando no tienen dinero para jugar han de robarlo primero en su casa y luego donde puedan, o bien lo encontrarán por otros pésimos modos. Para atajar desde el principio un mal tan pernicioso para la sociedad, los Padres de las Escuelas Pías se ofrecen a la fatigosa tarea de enseñarles por caridad. Si Vuestras Señorías Ilmas. se complacen en pensar y procurar algún modo de ayudar a dichos muchachos pobres, será librarles de la horca y las galeras, donde suelen ir a parar de ordinario cuando son mayores quienes de pequeños se educan con tales vicios y será una obra de gran servicio de S. D. Majestad, la cual acreciente siempre en VV. SS. Ilmas. su santo Espíritu<sup>32</sup>.

Nestas linhas percebe-se que no pensamento pedagógico de Calasanz a pessoa humana tem a primazia, a evangelização -que também é missão das Escolas Pias-, fica para um segundo momento; em primeiro lugar, o que deve ser feito é recuperar a dignidade da pessoa e tentar impedir que ela tenha um fim trágico -librarles de la horca y de las galeras-.

Calasanz, como homem nascido no Renascimento, filho da Reforma Tridentina, estava profundamente invadido pelo espírito de reforma tão reclamado pelo seu tempo.

---

<sup>32</sup> GUERRI, Severino Giner. *San José de Calasanz: Maestro y Fundador*. BAC maior n.41, Madrid, 1992.p.592.

A educação integral do homem -Piedade e Letras-, tinha um telos transcendente, que Calasanz deixou plasmado em suas Constituições: concílios ecumênicos, santos padres, filósofos de reto critério, afirmam unânimes, que a reforma da sociedade cristã radica-se na diligente prática desta missão: pois se desde a infância a criança for imbuída diligentemente na Piedade e nas Letras, pode se prever, com fundamento, um feliz transcurso de toda sua vida <sup>33</sup>.

O realce das Escolas Pias está em não ser uma obra que se restringe ao foro interno da Igreja, mas que visa a sociedade como tal. E, dentro desta, aos pobres. Seu autêntico matiz social está na dedicação aos pobres, no início com exclusividade e, depois, com preferência. E por isso foi, desde sua origem, escola gratuita, porque foi aberta para aqueles desprovidos das mínimas condições financeiras, aqueles para os quais estavam fechadas as portas das oportunidades.

La obra de Calasanz no tiene sentido alguno si no se acentúa su preferencial dedicación a los pobres. Cuando al final de su vida se desate la tormenta contra su institución, una de las razones manifiestas para destruirla será sin ambages la idea de que los pobres no tienen derecho a la cultura ni deben salir de su condición de servidores de los ricos, pues lo contrario sería una revolución social<sup>34</sup>.

As Escolas Pias nasceram para as crianças pobres, ainda que mais tarde Calasanz, por razões diversas, rompe com esse exclusivismo e as abre para meninos de todas as classes; “se admitió, pues, a pobres y ricos, nobles y pebleyos e incluso judios en Roma y protestantes en Germania<sup>35</sup>. Sempre se manteve institucionalmente a preferência pelos pobres, *praecipue pauperes*.

Em seu ideal de reformar a sociedade, Calasanz buscou também superar, em sua escola, a distinção de classes, tão impregnada naquela Roma barroca e cerimoniosa. Ele, nos regulamentos de escolas que escreveu, insistiu que a riqueza e a nobreza de linhagem não eram os supremos valores da sociedade: “nadie pretenda en nuestras

---

<sup>33</sup> Cf. Constituições de Calasanz. N. 2.

<sup>34</sup> Giner. *op. cit.* P.593.

<sup>35</sup> Citado em Giner. *op. cit.* P.595.

escuelas ninguna preeminencia o supremacía sobre los demás, que no sea por la integridad de costumbres o mayor diligencia y provecho en el estudio”<sup>36</sup>.

As Escolas Pias realizam com ardor sua tarefa de colaboradores na reforma social, contudo, como obra da Igreja que é, não permanece na pura imanência, tem um degrau a mais em sua escala de valor: o Evangelho.

## CONCLUSÃO

Esperamos ter delineado nestas resumidas páginas o que nos havíamos proposto: apresentar a figura e a obra de José de Calasanz e explicitar os elementos fundamentais -antropológico, epistemológico e axiológico- do seu pensamento pedagógico.

Calasanz é uma figura impar, um homem profundamente engajado e comprometido com os problemas de seu tempo, que não se conformou com o ‘status quo’ daquela sociedade romana. Percebeu que o meio mais viável para suprimir o abismo entre a opulência e a miséria que compartilhavam o mesmo cenário naquela Roma barroca, era a educação. Sendo assim, ele, numa corajosa decisão, cria a primeira escola pública e gratuita da Era Moderna: as Escolas Pias.

Analisando os fundamentos do pensamento pedagógico de Calasanz, percebemos que, apesar dele ter vivido num mundo marcadamente medieval, suas intuições e realizações no campo da educação, precederam muitos dos ideais da modernidade. Como, por exemplo: a gratuidade e a universalidade do ensino que somente foi conquistada em muitos países no século XIX; a convicção de que a educação recebida nos primeiros anos de vida da criança são fundamentais para o transcurso de toda sua vida -teoria confirmada pela psicologia moderna-; etc.

No pensamento calasânico a imagem de homem que ele se propõe a educar é o homem cristão, unidade de espírito e corpo; ser chamado a se concluir, a se aperfeiçoar.

---

<sup>36</sup> Citado em Giner. *op. cit.* P.596.

Calasanz concebe a criança como um ser filho de Deus que, desde cedo, é capaz de desenvolver sua personalidade humana e é capaz de se abrir à transcendência. A educação integral na Piedade e nas Letras é o caminho que o ajudará a chegar a tal desenvolvimento.

O conhecimento para Calasanz não era uma questão problemática. Apoiando-nos na gnosiologia tomista que afirma a facticidade do conhecimento -ainda que as coisas só podem ser conhecidas através das imagens, e não podemos entrar fisicamente no nosso cérebro-, nós conhecemos as coisas mesmas e não somente as idéias. Inferimos, pela orientação tomista de Calasanz que assim também é como ele concebe o conhecimento. Este conhecimento em sua obra recebe o nome de 'Piedade e Letras' -piedade o conteúdo moral e religioso e letras o conteúdo intelectual e científico-. Para se formar o ser humano, a pessoa em sua integridade necessita-se também de um conhecimento integral.

No que tange à axiologia, os supremos valores presentes na obra calasânica são: a pessoa humana e a reforma da sociedade cristã. Isto está expresso no proêmio de suas Constituições: se desde a infância a criança receber uma sólida educação na piedade e nas letras, pode se esperar que ela tenha um transcurso de vida feliz. E esta criança bem formada será o agente transformador da sociedade. Este é o norte da educação calasânica.

Apesar do salto histórico que nos separa do contexto de Calasanz, ele tem algo a dizer à educação de hoje. Tem algo a dizer a essa educação que vive dominada pelo pragmatismo positivista, que o único interesse que tem no ensino é o de formar consumidores, educação movida pela razão instrumental que não tem compromisso com a pessoa humana, mas com o funcionamento do sistema econômico. Frente a esta, Calasanz nos propõe uma educação que conjugue a cultura técnico-científica com a literário-humanista, privilegiando a formação intelectual, e que ao mesmo tempo, saiba cultivar a dimensão transcendente que há em cada ser humano. Em suma, uma educação global, integral, capaz de atingir a criança, a pessoa, em sua totalidade.

## BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAU, Calasanz. *San José de Calasanz*. Salamanca: Publicaciones de Revista Calasancia, 1967.

BERGER, Peter. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. In: *Religião e sociedade*, V. 21, N. 1, 2001, pp. 9-24.

Constituciones de la Orden de las Escuelas Pias. Madrid, 2004.

FULLAT, Octavio. *Filosofia de la Educación en San José de Calasanz*. Revista Calasancia, Madrid, año 5.n.19, p.275-308, sep.1957.

GUERRI, Severino Giner. *San José de Calasanz: Maestro y Fundador*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. 3ª. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

KOHAN, Walter Omar. *Infância e educação em Platão*. In. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v29, n.1, jan./jun.2003.

MIRA, Josep Doménech i. “José Calasanz”. *Perspectivas* (Paris - Unesco), v. XXIII / n. 3-4 (1993).

PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luis. *História da Filosofia*. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.



Papa Pio XII Carta ao padre geral das Escolas Pias, 12/07/1948: Acta Apostolicae Sedis 40 (1948) p. 369.

PICANYOL, Leodegario. *Epistolario di San Giosepe Calasanzio*. Roma: Editiones Calasanctianae, 1956.

REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SÁNTHA, György. *San José de Calasanz: Obra Pedagógica*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.

SANTOS, Laura. *Filosofia da Educação*. In. LOGOS, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. V.2. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1990. 1512p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.

VÁRIOS. *Espiritualidade e Pedagogia de São José de Calasanz -ensaio de síntese-*. Publicações ICCE. Madrid: 1995.